

ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. ALLESSANDRA ELISABETH DOS SANTOS

Gustavo da Silva¹

Vinícius Rafael Freire Lessa de Castro²

Cátia Veneziano Pitombeira³

Allessandra Elisabeth dos Santos é doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Pesquisadora visitante (Programa de Doutorado Sanduíche/CAPES) na School of Education na Virginia Commonwealth University nos EUA. Possui graduação em Letras-Ingês pela UFS, especialização em Educação pela University of Winnipeg e mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFS). Ela integra os grupos de pesquisa TECLA: Tecnologias, Educação e Linguística Aplicada e integrou o grupo *Multilingual Learners in Schools*, da *Virginia Commonwealth University*. Suas pesquisas são nas áreas de inteligência artificial generativa, realidade aumentada, linguagens e tecnologias na educação, formação de professores, ensino-aprendizagem de inglês como língua adicional e bilinguismo.

Esta entrevista foi realizada como parte de uma das avaliações da disciplina eletiva do curso de Letras-Ingês da Universidade Federal de Alagoas, intitulada "Tecnologias e Mídias Sociais no Design de Material Didático de Língua Estrangeira", oferecida no semestre 2024.I. A entrevistada aceitou gentilmente responder às perguntas por e-mail. A seguir, nas próximas páginas, apresentamos a entrevista na íntegra.

¹ Graduando do curso de Letras Ingês da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0565-9177>

² Graduando do curso de Letras Ingês da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3487-7159>

³ Doutora em Linguística Aplicada e estudos da linguagem pela PUC-SP. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) e da graduação em Letras Ingês da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3636-2930>

ENTREVISTADORES: As tecnologias digitais desempenham um papel significativo no cotidiano das pessoas, seja para otimizar tarefas, como pagar uma conta on-line ou facilitar interações à distância, como as redes sociais, sendo esse também, um espaço no qual os estudantes estão presentes. Dado esse avanço tecnológico na sociedade, em sua opinião, por que o ensino público parece avançar de forma mais lenta nesse aspecto? E como você visualiza a relação entre educação e tecnologias digitais no ensino público?

ALLESSANDRA: Na minha visão, políticas públicas efetivas são essenciais para que os professores possam incorporar tecnologias digitais na sala de aula. Contudo, há interrupções e lacunas nesse processo. Por exemplo, embora existam leis que determinam que as escolas precisam ter acesso à internet, a implementação efetiva dessa infraestrutura básica muitas vezes não ocorre. A falta de internet impede a adoção de outras tecnologias, como as plataformas de inteligência artificial generativa, que estão disponíveis gratuitamente para alunos e professores. Sem internet, os educadores ficam limitados, podendo utilizar a tecnologia apenas com alguns alunos ou dependendo de dados móveis, o que pode tornar o processo inviável.

É crucial manter uma discussão contínua sobre como podemos inserir e trazer essas tecnologias para a sala de aula, focando nos objetivos educacionais, linguísticos e culturais que queremos alcançar. Muitas vezes, há uma busca ou tendência de usar “a tecnologia pela tecnologia”, sem um planejamento adequado. Na minha perspectiva, não se trata apenas de trazer tecnologia, mas de como integrá-la de forma relevante com foco nos objetivos educacionais, considerando seu impacto na sociedade, nas relações interpessoais, e no mercado de trabalho. Por exemplo, aqui em Sergipe, o grupo TECLA, do qual faço parte, sob a liderança do Professor Dr. Paulo Boa Sorte, desenvolveu um projeto sobre realidade aumentada. O objetivo era a formação continuada de professores da rede pública estadual com foco na realidade virtual e realidade aumentada. No entanto, enfrentamos alguns obstáculos burocráticos que interferiram de certa forma na implementação do projeto. Embora houvesse verba para o projeto e equipamentos como óculos de realidade virtual tenham sido adquiridos, poderíamos ter tido mais professores participando. Realizamos a formação on-line para facilitar, mas soubemos que alguns professores não foram informados. Essas questões geram interferências nos bastidores que levaram a refletir sobre como certas políticas públicas são efetivadas e como uma comunicação não fluida dentro das redes e instituições podem interferir na implementação de projetos.

ENTREVISTADORES: Em sua opinião, como professores de língua podem superar as limitações do ensino público em relação ao uso de tecnologias digitais para promover um ensino-aprendizagem de forma mais contextualizada com a realidade dos estudantes?

ALLESSANDRA: Para superar as limitações do ensino público em relação ao uso de tecnologias digitais, acredito que é fundamental abordar primeiramente a infraestrutura básica, como a conexão Wi-Fi nas escolas. Embora seja possível trabalhar sem acesso à internet, muitas tecnologias e aplicativos—especialmente aqueles relacionados à checagem de informações e às plataformas de inteligência artificial generativa—requerem conexão on-line. Essas plataformas geradoras de conteúdo em texto e imagem são especialmente relevantes no ensino de línguas, pois trabalham diretamente com linguagens.

Considero também importante trazer para a sala de aula questões atuais, como o combate a fake news, ensinando os alunos sobre a necessidade de verificar informações. Com o avanço das plataformas de inteligência artificial generativa, nos deparamos com textos e imagens cuja origem pode ser difícil de identificar, podendo ser gerados intencionalmente para enganar. Por isso, envolver os alunos em discussões sobre essas tecnologias é crucial.

Além disso, embora existam leis que autorizam o acesso dos professores à tecnologia, é necessário solicitar e exigir que as escolas garantam esse acesso também para os alunos. Sabemos que muitos estudantes possuem smartphones e, mesmo que tenham dados móveis limitados, podem ser envolvidos em atividades que utilizam essas tecnologias. Ao introduzir plataformas de inteligência artificial na sala de aula, como ferramentas para escrever e corrigir textos, os alunos aprendem a usar esses recursos de forma ética e educativa, despertando sua curiosidade.

Reconheço que existem realidades diferentes entre as escolas—algumas com laboratórios e acesso à internet, outras não. Contudo, ao trazer os alunos para participar dessa solicitação por melhor infraestrutura, aumentamos a chance de que o trabalho possa acontecer. Envolver os estudantes em atividades que eles já demonstram curiosidade fora da escola, muitas vezes de forma não ética, traz esse interesse para um contexto educacional.

Por fim, é essencial estarmos sempre conectados às tecnologias, reconhecendo tanto o impacto das ferramentas digitais quanto das analógicas, como os livros, na educação e

na sociedade. Integrar essas tecnologias de forma contextualizada com a realidade dos estudantes permite um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e relevante.

ENTREVISTADORES: Com uma trajetória tão rica no ensino de língua inglesa e na formação de professores, como a experiência como pesquisadora visitante na Virginia Commonwealth University influenciou sua perspectiva sobre o ensino de línguas e o uso de tecnologias educacionais? Existem práticas que você trouxe de lá para aplicar no contexto brasileiro?

ALLESSANDRA: Muito obrigada pelo comentário e pela gentileza nas palavras. São 27 anos de experiência como professora, nos quais tive a oportunidade de aprender e trabalhar com muitos educadores em escolas bilíngues aqui em Aracaju e também em escolas de idiomas. E quanto à experiência durante meu doutorado sanduíche na Virginia Commonwealth University (VCU) foi, sem dúvida, enriquecedora em vários aspectos. Durante meu período na VCU, não me foi recomendado cursar disciplinas específicas, já que minha pesquisa—iniciada em 2020—não estava diretamente relacionada ao contexto educacional dos profissionais com quem tive contato lá. No entanto, tive a oportunidade de trabalhar e escrever de forma colaborativa com as colegas do grupo de pesquisa da Profa. Dra. Luciana de Oliveira, o que enriqueceu minha perspectiva sobre o ensino de línguas e o uso de tecnologias educacionais.

Em relação ao ensino de línguas, a vivência nos Estados Unidos reforçou e confirmou algumas de minhas concepções sobre a língua inglesa. Refleti bastante sobre a referência que o inglês tem no mundo e percebi que, muitas vezes, professores ou instituições de ensino focam no "inglês do nativo". Mas qual nativo é esse? Considerando que o inglês é uma língua franca global falada em diversos países e de formas diferentes, é importante repensar essa abordagem. Geralmente, temos acesso a um inglês padronizado por meio de filmes de Hollywood, devido ao impacto do cinema americano no mundo. No entanto, ao viver em um ambiente multicultural como a cidade de Richmond, na Virgínia, circulamos por contextos diversos e encontramos pessoas que falam diferentes variedades de inglês. Isso me levou a pensar na língua como prática social, entendendo que a comunicação, seja falada ou escrita, não acontece de uma única forma ou em formas restritas, como muitas vezes imaginamos ao considerar apenas o inglês canadense, australiano ou britânico.

Embora não neguemos as questões de colonização e as influências dos países que colonizaram outros, é importante reconhecer que, por ser uma língua franca, o inglês

possui “múltiplas formas”. Acredito ser muito interessante dialogar sobre isso com os estudantes da graduação/professores em formação, deixando claro que eles podem se comunicar na língua inglesa de forma falada ou escrita, e que não é necessário reproduzir a mesma sonoridade de atores ou atrizes que vemos nos filmes. Essa compreensão amplia a percepção dos estudantes sobre o uso da língua e promove uma comunicação mais autêntica.

Quanto às práticas que trouxe para aplicar no contexto brasileiro, a principal foi essa valorização da diversidade linguística e cultural presente na língua inglesa. Essa experiência reforçou a importância de ensinar o inglês não apenas como uma língua estrangeira padrão, mas como uma língua viva e dinâmica, adaptada aos diversos contextos em que é utilizada. Isso tem influenciado minha abordagem pedagógica, incentivando os alunos a abraçarem sua própria identidade linguística ao aprenderem inglês e a valorizarem as múltiplas formas de expressão dentro da língua.

ENTREVISTADORES: Em seu currículo Lattes, observamos que você tem experiência com a formação de professores e atuou em diferentes contextos educacionais. Como você enxerga a presença de aspectos tecnológicos nos materiais didáticos utilizados no ensino de línguas? E, na sua opinião, qual a importância dessas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem?

ALLESSANDRA: Essa é uma pergunta muito interessante. Sabemos que o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa é totalmente permeado pelo uso de tecnologias. Lembrei agora de um artigo da Profa. Dra. Vera Lúcia Menezes e Paiva que aborda como a integração das tecnologias influencia o ensino-aprendizagem de línguas. Observamos que até mesmo metodologias foram adaptadas e desenvolvidas pensando em determinadas tecnologias. Isso impacta significativamente o ensino, pois, ao pensarmos na língua e nas linguagens como práticas sociais—seja na escrita ou na comunicação oral—realizamos essas práticas por meio de diversas tecnologias, algo que já acontece há muito tempo.

Não há como desconectar a tecnologia do ensino. Nós nos comunicamos por meio de tecnologias; a própria escrita é uma tecnologia social. Utilizamos diferentes ferramentas para nos expressar de forma escrita: plataformas de redes sociais, blogs, livros, entre outros. Cada uma dessas plataformas nos faz pensar na escrita de maneiras diferentes; cada gênero textual exige habilidades distintas. São gêneros variados que requerem que desenvolvamos variadas e múltiplas competências. Portanto, a presença

dos aspectos tecnológicos nos materiais didáticos é marcante, inclusive no contexto mercadológico e, assim, extremamente relevante e impactante no tocante ao processo de ensino-aprendizagem, pois, na minha perspectiva, impactam como os alunos interagem por meio das linguagens e desenvolvem suas habilidades comunicativas em diferentes contextos e gêneros textuais.

ENTREVISTADORES: Com base em seus estudos e experiências com inteligência artificial e inteligência artificial generativa. Você acredita que há uma relação inversamente proporcional entre o uso de IA e o desenvolvimento da inteligência humana, considerando o uso pouco crítico dessa ferramenta?

ALLESSANDRA: Essa é uma pergunta muito interessante. O termo "inteligência artificial" surgiu na década de 1950, especificamente em 1956, resultado de discussões entre pesquisadores de diferentes áreas. Esse termo prevaleceu entre outros propostos na época. Quando pensamos em inteligência humana, reconhecemos sua complexidade e o quão desafiador é compreender plenamente o funcionamento do cérebro e dos neurônios. Aplicar esse termo a máquinas levanta questionamentos sobre o que realmente significa inteligência no contexto da IA.

Os estudos sobre inteligência artificial existem desde aquele período, mas seu desenvolvimento oscilou ao longo do tempo, influenciado por investimentos e avanços tecnológicos—períodos conhecidos como "invernos da IA". Nos últimos anos, com o aumento significativo de investimentos, avanços computacionais e disponibilidade de grandes quantidades de dados, a IA alcançou novos patamares. Questões como a levantada por Alan Turing—"As máquinas podem pensar?"—tornaram-se ainda mais relevantes. Por exemplo, o modelo GPT-4 desenvolvido pela empresa norte-americana OpenAI é o modelo sucessor ao GPT-3.5, o tão popular ChatGPT, conseguiu superar testes que antes eram considerados exclusivamente humanos.

Quanto à relação entre o uso de IA e o desenvolvimento da inteligência humana, não vejo uma relação inversamente proporcional direta. Acredito que existe um contexto complexo que envolve escola, sociedade e as tecnologias que permeiam e, no meu entendimento, integram ambos. Não podemos separar esses elementos; eles estão interligados. A inteligência artificial generativa traz novos desafios para a educação, especialmente em relação aos métodos de avaliação e nos relembra da necessidade de adotarmos pedagogias que possibilitem o desenvolvimento do pensamento crítico nos

alunos. Com tecnologias que geram textos e imagens capazes de confundir—quando nos perguntamos "Quem escreveu isso?" ou "Este texto está melhor do que o meu?"—é fundamental reforçar o questionar e analisar criticamente.

Se os processos avaliativos, especialmente no Ensino Médio e nos exames de ingresso às universidades, focam predominantemente em conteúdos específicos, os professores podem se ver limitados pelo tempo e pela necessidade de cumprir currículos extensos, não conseguindo trabalhar certas habilidades em profundidade.

O crucial é a forma como adotamos essa tecnologia. Por exemplo, podemos utilizar ferramentas analógicas, como papel e lápis, para criar mapas mentais colaborativos com os alunos, ou empregar quadros interativos e aplicativos digitais para o mesmo fim. Embora seja possível atingir objetivos semelhantes com diferentes tipos de tecnologia, o envolvimento e a identificação dos alunos tendem a ser maiores quando utilizamos recursos digitais que refletem o mundo em que vivem hoje.

Portanto, não acredito em uma relação direta entre o aumento do uso de IA e uma diminuição no desenvolvimento da inteligência humana. Não podemos ignorar que os alunos estão imersos em tecnologias digitais—usam smartphones para checar informações, acessar redes sociais e se comunicar. Integrar essas tecnologias ao ambiente educacional, de forma responsável, pode aumentar o interesse e o envolvimento ou como se diz no contexto das redes sociais, o engajamento deles. Não se trata de utilizar smartphones ou telas o tempo todo, mas sim de encontrar um equilíbrio e implementar práticas pedagógicas que não sejam divergentes da realidade que os alunos vivenciam fora da sala de aula.

Compreendo as plataformas com inteligência artificial como tecnologias que, quando usadas de forma crítica e consciente, podem complementar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, sem necessariamente impactar negativamente o desenvolvimento da inteligência humana.

ENTREVISTADORES: Levando em conta a sua presença no Grupo de estudos e pesquisa Tecnologias, Educação e Linguística Aplicada (TECLA/CNPq) e do Centro Internacional de Pesquisa em Inteligência Artificial [AI Worldwide: Education, Language and Society]. Dentro desses grupos, há discussões sobre como o uso da inteligência artificial em contextos educacionais pode impactar o desempenho dos estudantes? Você acredita que esse uso compromete o aprendizado?

ALLESSANDRA: Sim, em nosso grupo de pesquisa, investigamos e refletimos acerca dessas temáticas. Acredito que o uso da inteligência artificial, quando planejado de forma criteriosa e alinhado aos objetivos educacionais, pode impulsionar o aprendizado dos estudantes. Em vez de utilizar a tecnologia com foco nela como ferramenta de inovação, é fundamental manter o foco nos propósitos educacionais, sem perder de vista os objetivos de aprendizagem.

É relevante investir em formação continuada para os professores, garantindo ainda que eles tenham as condições estruturais adequadas para utilizar essas tecnologias de maneira eficaz. Além disso, é importante envolver os alunos nas discussões sobre o uso ético e positivo das plataformas com inteligência artificial na educação, se eles não aprenderem a utilizar essas tecnologias de forma apropriada dentro da sala de aula, onde mais o farão? A escola é o ambiente ideal para orientar sobre esse aprendizado e evitar a disseminação de usos não éticos. Portanto, dentro desse contexto, não acredito que o uso de tecnologias de IA comprometa o aprendizado; pelo contrário, quando bem implementado e contextualizado, ele pode enriquecê-lo. Atualmente é assim que percebo essa discussão.

ENTREVISTADORES: Em sua visão, quais os principais desafios éticos relacionados ao uso de tecnologias na educação, especialmente em relação à privacidade dos alunos? Como as instituições devem abordar essas questões para garantir a segurança/ética no uso de tecnologias?

ALLESSANDRA: Essa é uma questão crucial que é extremamente complexa de responder. Atualmente, estamos debatendo questões de regulamentação—não apenas pesquisadores, mas também governos, centros de pesquisa na Europa, instituições de ensino no Brasil e em outros países—sobre como regular essas plataformas e empresas que detêm nossos dados. Muitas vezes, nós mesmos autorizamos o uso de nossos dados ao aceitarmos termos e condições, e realmente sem ler detalhadamente esses contratos e acordos, e aqui também me incluo. Hoje em dia, é sabido que os dados são, de certa forma, o "petróleo" da era digital; são uma forma de riqueza. Quanto mais dados uma empresa possui, mais ela pode treinar máquinas e obter informações valiosas.

Dependendo do país, há um controle mais ou menos visível sobre esses dados e sua utilização, e aqui cito o caso de países como a China. Eu assisti a um vídeo que mostra como a China tem utilizado tecnologias para monitorar o nível de atenção dos alunos,

inclusive crianças do Ensino Fundamental. Essas crianças usam, em sala de aula, dispositivos tecnológicos colocados ao redor de suas cabeças. Durante toda a aula, o professor tem acesso em tempo real a essas informações por meio de um visor. Além disso, os dados são enviados diretamente aos pais. Em entrevistas com algumas dessas crianças, elas relataram que, ao chegarem em casa, os pais já comentavam sobre seu desempenho na escola. Muitas expressaram sentir níveis de estresse devido a essa vigilância constante, mesmo tendo entre 8 e 10 anos de idade. Cada pequena distração era automaticamente registrada e transformada em gráficos que permitiam ao professor identificar imediatamente qualquer “falta de atenção”. Essa situação levanta sérias preocupações éticas sobre privacidade e o impacto psicológico dessa monitorização intensa. O uso de tecnologias tão invasivas em um ambiente educacional pode afetar o bem-estar emocional dos alunos. Portanto, é crucial que instituições educacionais abordem essas questões com responsabilidade, estabelecendo limites claros e garantindo que o uso de tecnologias não comprometa a segurança e a ética no processo de aprendizagem.

Na educação, os desafios éticos relacionados ao uso de tecnologias são significativos, especialmente no que diz respeito à privacidade dos alunos. As instituições precisam abordar essas questões de forma responsável, garantindo que haja políticas claras de proteção de dados e privacidade. É fundamental que as escolas e universidades implementem medidas de segurança cibernética, eduquem alunos e funcionários sobre a importância da privacidade e sejam transparentes sobre como os dados são coletados e utilizados. Além disso, é essencial promover discussões sobre ética no contexto do digital, tanto entre educadores quanto entre alunos, para que todos possamos refletir sobre os riscos e as responsabilidades envolvidos no uso de tecnologias na educação. As instituições deveriam estabelecer diretrizes éticas para o uso de plataformas de IA generativa, por exemplo, garantindo que o aprendizado seja enriquecido sem comprometer a segurança e a privacidade dos estudantes.

ENTREVISTADORES: Ao integrar grupos de pesquisa tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, como você vê as diferenças e semelhanças na abordagem do ensino de línguas e na formação de professores entre esses dois contextos?

ALLESSANDRA: Atualmente, não integro mais o grupo de pesquisa Multilingual Learners liderado pela Profa. Dra. Luciana de Oliveira, na VCU/EUA. Participei nos 9

meses do meu doutorado sanduíche (PDSE), como bolsista CAPES. Durante o período em que participei dos dois grupos simultaneamente, pude observar algumas diferenças e semelhanças entre as abordagens de ensino de línguas e formação de professores nos dois países.

Nos Estados Unidos, eles trabalham com alunos que são multilíngues. Há um movimento, do qual a Profa. Luciana faz parte, que busca desenvolver nos estudantes estratégias para aprender a linguagem acadêmica utilizando a linguagem que eles já possuem, inclusive tendo como base o uso de sua língua materna. Isso é interessante porque, mesmo estando em um país de língua inglesa, eles permitem e encorajam que as crianças usem sua própria língua como suporte no processo de aprendizagem. Durante as reuniões e momentos de estudo e escrita colaborativa com integrantes do grupo de pesquisa Multilingual Learners, aprendi sobre a WIDA (World-Class Instructional Design and Assessment), que desempenha um papel crucial na promoção da equidade educacional nos Estados Unidos, fornecendo suporte abrangente tanto para alunos quanto para educadores. Ao comparar com o contexto brasileiro, o WIDA pode ser visto, de maneira simplificada, como equivalente à nossa Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no sentido de oferecer diretrizes e padrões educacionais. No entanto, o WIDA é especificamente focado em apoiar alunos que estão aprendendo inglês como segunda língua, reconhecendo a importância da língua materna desses estudantes como um recurso no processo de aprendizagem. O foco não é necessariamente no vocabulário, mas em gêneros e em estratégias que gradualmente ajudam os alunos a desenvolver suas habilidades de escrita. No Brasil, percebo que temos uma preocupação maior com a leitura e a interpretação, conforme estabelecido nos documentos oficiais que regem o ensino de línguas, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a própria BNCC. A BNCC estabelece que o ensino deve contemplar as habilidades de escuta, fala, leitura e escrita, visando à comunicação efetiva em situações reais de uso da língua. Destaca a importância de trabalhar com diversos gêneros textuais e práticas de linguagem, promovendo a reflexão crítica sobre a língua e a cultura. Em muitos cenários, na prática, observamos que há um enfoque maior na leitura e interpretação de textos escritos, muitas vezes em função das exigências dos exames nacionais, como o ENEM, que priorizam essas habilidades. As aulas nem sempre são ministradas em inglês, e isso depende muito do professor, ou melhor, do contexto em que ele trabalha, já que não é uma exigência como mencionei. Na minha experiência, muitos professores que trabalharam por muito tempo em instituições de ensino de línguas, especialmente aqueles que utilizam a abordagem

comunicativa, tendem a inserir habilidades auditivas e de comunicação oral em suas aulas. No entanto, isso nem sempre está explicitamente enfatizado nos documentos oficiais ou na prática das escolas públicas e particulares. Na última década, devido ao movimento das escolas bilíngues ou, mais comumente, dos programas ditos bilíngues, as mudanças nos cenários do ensino-aprendizagem de inglês no Brasil são presentes e contínuas modificando fortemente as aulas e como as instituições de ensino, particularmente escolas privadas, oferta esse ensino compartilhando a responsabilidade de ensino com outras instituições privadas.

No contexto do ensino público no Brasil, diante do que conheço atualmente, o ensino de inglês, seguindo as orientações da BNCC e outros documentos oficiais, busca desenvolver competências amplas, incluindo escuta, fala, leitura e escrita, mas, na prática, o enfoque frequentemente está na leitura e interpretação, e a prática oral depende muito do contexto e da iniciativa do professor.

ENTREVISTADORES: Em sua opinião, como o ensino de línguas pode se beneficiar da interculturalidade promovida pelas tecnologias digitais?

ALLESSANDRA: Acredito que o ensino de línguas pode se beneficiar enormemente da interculturalidade promovida pelas tecnologias digitais. Essas tecnologias, e aqui exemplifico plataformas de redes sociais, facilitam a comunicação entre pessoas que não são falantes nativos de um determinado idioma, mas que estão aprendendo e desejam se desenvolver nas habilidades comunicativas, de escrita, leitura e interpretação.

As tecnologias digitais permitem que aprendizes interajam em contextos culturais diversos, algo que muitas vezes não é possível captar completamente em um livro didático. Embora os livros possam apresentar aspectos culturais e sociais diversos, eles não conseguem abranger a ampla variedade de contextos reais em que a língua é usada. As línguas são dinâmicas e à medida que as pessoas se comunicam por meio delas, há transformações. Sem dúvida, há grandes benefícios em integrar a interculturalidade por meio das tecnologias digitais no ensino de línguas. Incorporar tecnologias digitais enriquece o aprendizado, proporcionando experiências autênticas e contextualizadas que refletem a natureza viva e mutável das línguas.

ENTREVISTADORES: Como você acredita que suas pesquisas/publicações impactam o cotidiano dos professores e o fazer pedagógico? Qual o seu

principal objetivo ao discutir temas tão atuais como as tecnologias digitais na educação?

ALLESSANDRA: Acredito que não apenas minhas pesquisas e publicações, mas também as de meus colegas pesquisadores e também do grupo de pesquisa TECLA (Tecnologias, Educação e Linguística Aplicada)—do qual faço parte desde o início do meu mestrado em 2018, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Boa Sorte—impactam significativamente o cotidiano dos professores e o fazer pedagógico. Se nós, profissionais da educação—professores de línguas, educadores e pesquisadores—não refletirmos sobre temas como a inteligência artificial generativa e seu impacto na educação, ou não continuarmos discutindo esses assuntos, especialmente com a tecnologia em evidência atualmente, ficaremos sempre à mercê de utilizar esses recursos sem uma análise crítica sobre suas aplicações. Entendo ser fundamental examinarmos criticamente como essas tecnologias podem ser integradas e como podemos incentivar os alunos a abordá-las de forma mais reflexiva. Por exemplo, a escrita—minha área de pesquisa no doutorado—é uma habilidade desafiadora para qualquer pessoa, seja pesquisador, estudante da Educação Básica ou do Ensino Superior. A escrita não é algo natural; o processo de escrever é inerentemente desafiador e provoca sentimentos de ansiedade, como comprovado por pesquisadores como Casanave. A escrita é um processo que afeta questões emocionais, no qual pode ocorrer bloqueios, “writer’s block”—quando nos deparamos com a página em branco e não conseguimos produzir. Trazer essa discussão para a educação é essencial. Na verdade, os nossos alunos naturalmente trazem para a sala de aula. Muitas vezes, não é o professor que apresenta uma nova tecnologia, mas sim os alunos que a incorporam em seu cotidiano escolar.

Pensar em publicações e pesquisas é refletir sobre essas questões, realizar leituras, promover discussões entre os pares e também com os alunos que estão utilizando as tecnologias. Meu principal objetivo ao discutir temas tão atuais como as tecnologias digitais na educação é contribuir para que professores e educadores compreendam melhor esses recursos e possam incorporá-los de maneira crítica e eficaz em suas práticas pedagógicas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem de forma consciente, crítica e efetiva.